

AS ORIGENS DO AUTISMO NA VIENA NAZISTA: ENTRE A VIDA E O EXTERMÍNIO

Larissa Yule Amado Santos¹

Simone Silveira Amorim²

RESUMO

Este estudo se trata de uma resenha da obra “Crianças de Asperger: as origens do autismo na Viena nazista” (2019), livro de autoria de Edith Sheffer. O objetivo do texto a seguir é expor as principais questões abordadas no livro e discorrer, brevemente, a respeito delas, com foco no contexto do trabalho realizado por Hans Asperger. A justificativa da resenha é divulgar a obra de Sheffer, que é de grande relevância para o entendimento da história do autismo, mas que ainda é pouco conhecida no Brasil. A obra original foi publicada em 2018 e traduzida, em 2019, para o português. A elaboração desta resenha faz parte de uma dissertação de mestrado, que aponta para a relevância da formação continuada de professores, pois eles precisam estar atualizados sobre as necessidades formativas de alunos autistas e as suas possibilidades de aprendizagem.

Palavras-chave: Autismo. História. Nazismo.

ABSTRACT

The present study reviews the book “Asperger’s Children: The Origins of Autism in Nazi Vienna” (2019) by Edith Sheffer. The objective is to present the main aspects of the book and discuss them briefly, focusing on the context of the work done by Hans Asperger. The reasoning behind the review is to disclose Sheffer’s work, which is of great relevance for understanding the history of autism, but it is still little known in Brazil. The original work was published in 2018 and translated into Portuguese in 2019. The elaboration of this review is part of a master’s thesis that highlights the relevance of continuous teacher training, as they need to be updated on the formative needs of autistic students and their learning possibilities.

Keywords: Autism. History. Nazism.

DISCUSSÃO

Embora a publicação de Edith Sheffer “Asperger’s children: the origins of autism in nazi Vienna” (2018) ainda seja pouco conhecida no Brasil, é muito comentada pela comunidade autista internacional, mais amplamente falando, como pessoas com autismo, familiares, profissionais da saúde, dentre outros públicos. Tal impacto se deve ao nível de detalhamento trazido na obra, incluindo o envolvimento de Hans Asperger (1906-1980) com o nazismo. A obra foi traduzida para a língua portuguesa em 2019, recebendo o título de “Crianças de Asperger: as origens do autismo na Viena nazista”.

1 Mestre em Educação pela Universidade Tiradentes, Brasil (2022). Bancária do Caixa Econômica Federal, Brasil.

2 Doutor pelo Doutorado em Educação, da Universidade Federal de Sergipe, Brasil (2012). Professor permanente da Universidade Tiradentes, Brasil.

A ideia de transtorno do espectro autista como algo separado da esquizofrenia aparece, pela primeira vez, no trabalho de Kanner, que até então era uma característica relacionada à esquizofrenia, de se “fechar em si”. Houve, portanto, em 1943, com a publicação do trabalho do referido pesquisador, os primeiros diagnósticos clínicos do que ficou conhecido como “autismo clássico”, tendo ele nomeado a referida condição de inborn autistic disturbances of affective contact. Segundo Grandin e Panek (2018), Kanner não estava sugerindo relação de causa e efeito da suposta falta de afetividade parental com relação às suas crianças no espectro autista, pois ele, nesse mesmo estudo publicado em 1943, também sugere que há causa biológica para o transtorno do espectro autista.

O diagnóstico de meninas no espectro autista foi possível por causa dos estudos de Leo Kanner que, ao contrário de Hans Asperger, seguiu método científico que revelou que se as meninas estavam apresentando as mesmas características atípicas dos meninos, a causa deveria ser a mesma, embora hoje a ciência consiga perceber diferenças do transtorno do espectro autista feminino para o masculino, em especial nas manifestações mais leves do espectro.

Quando se usa a expressão “pai do transtorno do espectro autista”, comumente se associa o nome do psiquiatra Leo Kanner à cognominação. Embora essa associação esteja correta, ela é um tanto incompleta. Isso se deve ao fato de que o transtorno do espectro autista descrito por Leo Kanner é o apontado, até o DSM-IV, como autismo clássico. No entanto, a partir do DSM-5, o transtorno do espectro autista passa a ser reconhecido como um espectro, denominado, então, de transtorno do espectro autista, sendo o transtorno do espectro autista observado por Kanner como manifestações mais severas, em termos de sintomatologia. Enquanto Kanner denominou a condição de “autistic disturbances of affective contact” (1943), Hans Asperger, por sua vez, denominou a condição, que é conhecida hoje como manifestações sintomatologicamente menos severas do transtorno do espectro autista pelo DSM-5, ou pelo DSM-IV, como Síndrome de Asperger, de “psicopatia autista” (1938).

Segundo Sheffer (2019), Asperger considerava que os meninos no espectro autista estariam presos em si mesmos e que, por isso, as relações sociais deles se prejudicavam. Asperger e Kanner conheceram o trabalho um do outro ao longo da vida, mas consideravam que cada um observava um fenômeno diferente um do outro. Há, inclusive, uma discussão atual a respeito dos índices de transtorno do espectro autista em meninas, pois há dúvida se o número de meninos no espectro autista é muito maior que o de meninas. Hoje, o consenso na comunidade científica é de que haja 4 meninos no espectro autista para cada menina e se discute que o transtorno do espectro autista em meninas é subdiagnosticado por questões sociais e/ou por uma possível diversidade sintomatológica entre homens e mulheres no espectro autista considerado leve.

Sendo o transtorno do espectro autista uma condição predominantemente genética, também se observa que para uma menina ser autista, ela precisa de uma carga genética consideravelmente maior que um menino, mas ainda não há evidências científicas de que isso ocorra por algum fator que protege as meninas ou que expõe os meninos. Isso posto, e considerando os contextos sociais à época, não é estranho que Kanner tenha observado mais meninos que meninas no espectro autista, bem como que Asperger tenha apontado o transtorno do espectro autista como condição exclusiva masculina.

Sheffer (2019) apontou que, para Asperger, os meninos no espectro autista tinham falta de “gemüt”, o que os nazistas apontavam como um sentimento social. No nazismo, o “gemüt” era um dos elementos mais importantes, pois era um dos fundamentos do “reich”. Pessoas sem “gemüt” eram vistas com preocupação e passaram a ser exterminadas, já que eram vistas como indivíduos que não se encaixavam na coletividade e que, por esse motivo, “sujavam” a ideia de “raça superior” e “atrapalhavam o progresso”. Sheffer (2019) aponta que “[...] “gemüt” era um termo que originalmente significava ‘alma’ no século XVIII” (SHEFFER, 2019, p. 17).

Asperger era um dos responsáveis a destinar crianças a Spiegelgrund, hospital que re-

cebia crianças com deficiências em geral e que, raramente, voltavam para suas casas, sendo assassinadas ou deixadas à exposição da fome e da pneumonia até a morte, dentro do hospital. Sheffer (2019) aponta que o que acontecia em Spiegelgrund não era considerado assassinato, mas eutanásia de “vidas indignas de serem vividas” (SHEFFER, 2019, p. 18). As crianças nem sempre eram identificadas pelo governo e por ele encaminhadas a Spiegelgrund, sendo comum os pais serem os responsáveis por essa condução. No contexto da Viena Nazista e Terceiro Reich, era a normativa social da época a compreensão de que a forma de existir de filhos tidos como deficientes como não era digna da existência em si.

Ademais, havia o entendimento de que eles seriam melhor tratados no lugar em que, supostamente, pessoas mais aptas do que eles mesmos, cuidariam das suas crianças. Outras vezes, os pais queriam dar um “alívio” a elas, outras vezes queriam, na verdade, livrar-se “do fardo”, sendo a influência dos fatores sociopolíticos sobre o diagnóstico impactantes, na medida em que essas crianças não seriam aceitas na sociedade, assim como, em certa medida, os seus pais. No entanto, alguns se arrependiam de deixar os seus filhos em Spiegelgrund e tentavam reavê-los, porém o processo não era simples e, em muitos casos, as crianças faleciam antes: uma vez que a criança entrava em Spiegelgrund, a sua vida era responsabilidade do Estado e não mais dos seus genitores, por isso, os pais moviam difíceis processos administrativos para reaver os seus filhos, por vezes, sem obter êxito.

No processo de decidir o destino dessas crianças, Asperger identificava meninos no espectro autista e os direcionava a outro espaço que coordenava, em que os meninos eram acompanhados em moldes muito similares ao que, posteriormente, ficou conhecido como construtivismo. Asperger considerava que esses meninos tinham inteligência para desenvolver “gemüt” e ter uma vida funcional no “reich”, precisando, para isso, apenas de atenção e direcionamento.

A obra de Edith Sheffer é importante na medida em que nos ajuda a entender como os contextos sociais influenciam e interferem na compreensão e no tratamento de pessoas com autismo, na sua relação como os demais indivíduos da sociedade em que estão inseridas. Isso também nos leva a refletir sobre a importância da inserção delas em contextos mais amplos para que haja, efetivamente, a inclusão de maneira intencional e equânime, além de estudos constantes que ajudem a dar uma melhor qualidade de vida a elas.

REFERÊNCIAS

KANNER, Leo. **Autistic disturbances of affective contact.** *The Nervous Child*, local, v. 2, p. 217-250, mês abreviado 1943. Disponível em: http://mail.neurodiversity.com/library_kanner_1943.pdf. Acesso em: 7 out. 2021.

SHEFFER, Edith. **Crianças de Asperger: as origens do autismo na Viena nazista.** Tradução: Alessandra Bonruquer. Rio de Janeiro: Record, 2019.